



SALTOS DA HISTÓRIA: PERMANÊNCIAS DO CONTESTADO EM GODOFREDO DE OLIVEIRA NETO



Alexandre Fernandez Vaz

Natan Schmitz Kremer

CAPÍTULO 23

SALTOS DA HISTÓRIA: PERMANÊNCIAS DO CONTESTADO EM GODOFREDO DE OLIVEIRA NETO

Data de aceite: 23/07/2021

Natan Schmitz Kremer

PPGSP, Universidade Federal de Santa Catarina UFSC
Florianópolis

Alexandre Fernandez Vaz

EED/PPGICH, Universidade Federal de Santa Catarina UFSC
Florianópolis

RESUMO: No artigo buscamos analisar, pela chave do paradigma indiciário de Ginzburg, como o romance de Godofredo de Oliveira Neto, intitulado O Bruxo do Contestado, se posiciona sobre o movimento homônimo. Na análise percebemos que, mais do que elaborar o Contestado em si, o autor parte de um deslocamento às imagens de São João Maria e à Guerra dos Pelados para situar sua prosa durante a ditadura de Vargas, como deslocamento ficcional que se constrói em oposição à ditadura civil-militar que assolou o país a partir de 1964, mostrando, neste deslocamento, em chave benjaminiana, que sob um Estado de exceção nem os mortos estão a salvo.

PALAVRAS-CHAVE: Godofredo de Oliveira Neto; O Bruxo do Contestado; Ditadura civil-militar.

1 | INTRODUÇÃO: PERMANÊNCIAS

As permanências do Contestado não são tema novo de análise. Receberam destaque em uma série de pesquisas tanto na História quanto na Antropologia, que o atualizaram em plano político, pensando em suas reverberações em movimentos sociais contemporâneos (MACHADO, 2013), ou em plano simbólico, ao analisarem a presença do espírito do Contestado em comunidades territoriais atuais (WELTER, 2013).

Também em dimensão estética, muito depois de 1916 encontramos a produção de obras que buscaram dar forma àquela experiência social, como o romance Geração do Deserto, de Guido Wilmar Sassi ([1964] 2012), ou o longa-metragem de Sylvio Back, A guerra dos pelados (1971), inspirado nesse romance. Estes objetos, construídos como algo próximo à ficção histórica, guardam, porém, um lugar de construção do presente no qual se inserem. No romance de Sassi lê-se recorrências à oposição ao capitalismo presentes já em suas primeiras obras, os contos de Piá (1953) e de Amigo Velho (1955). Na película, a oposição à ditadura aparece como pano de fundo não da ação, senão em seu espírito, como mostra Back (2013) ao referir-se aos cortes pelos censores de passagens cruciais sobre o direito à terra.

Se essas obras se inserem em um movimento que retira o Contestado do passado e o coloca como problema do presente, deve ter sido na obra de Godofredo de Oliveira Neto que o empreendimento se radicalizou. Especialmente em O Bruxo do Contestado, o autor parece se

apropriar do caráter messiânico do movimento, o que o aproxima ao conceito benjaminiano de História, pelo messianismo também ali presente, assim como pelos deslocamentos e pelos saltos, para expressar suas permanências. Neste sentido, mais do que narrar, pela literatura, o outro lado da História, a história dos vencidos, leva a questão a um extremo no qual

> no se trata sólo de no olvidar ni de evitar la repetición; se trata, tanto para burlar el olvido como el retorno de lo terrible, de reparar el daño allí donde fue hecho o, por lo menos, que la visión de la herida pretérita no se limite a ser una advertencia para el futuro sino una forma de hacer presente el pasado como dimensión intelectual y sensible" (SARLO, 2003, s. p.).

Mais do que uma contra-narrativa, as Teses de Benjamin (2019) sobre o conceito de História frisam a presença do passado no presente – desde sua emergência como lampejo até a redenção, igualmente no presente, de seus mortos. Em uma história que dá saltos, interessam menos as continuidades e mais as associações entre eventos que são elaborados em forma de imagens que surgem "ao sujeito histórico no momento do perigo" (BENJAMIN, 2019, p. 11). Este parece ser, argumentaremos, o mote de O bruxo do Contestado.

2 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para elaborarmos estas questões, partimos do paradigma indiciário desenvolvido por Carlo Ginzburg (1989), ao pensar o lugar da falha, do erro, do equívoco na construção de uma metodologia para a História. Desta forma, o que o autor encontra nas pistas do romance policial, nos atos falhos da psicanálise e nas cópias de obras pictóricas auráticas é uma possibilidade de denúncia que se dá por indícios que se escondem no corpo do objeto. É buscando os vestígios que compõem a obra de Godofredo que buscamos ler sua obra como um deslocamento histórico que demonstra as permanências do Contestado ao longo do século XX.

Começamos as páginas seguintes refletindo sobre como algumas imagens do movimento são formuladas no romance de Godofredo, que se passa no começo da década de 1940, ao correr da ditadura de Vargas, no Oeste de Santa Catarina. Na sequência, nos deteremos em três imagens de Machado de Assis que emergem no corpo do texto. Finalizamos com uma breve comparação com Em Liberdade, de Silviano Santiago ([1981]
1994), buscando sustentar que a obra de Godofredo se coloca como um romance sobre a ditadura civil-militar de 1964.

3 | GERD, FRAU BERTHA, GDD

Embora O Bruxo do Contestado seja apresentado como um romance sobre a Revolta dos Pelados, entre 1912 e 1916, no Oeste de Santa Catarina, esta caracterização dada

pela quarta capa do livro não é suficiente. A guerra que emerge em suas páginas é a 2ª, Mundial; o Estado brasileiro é o da primeira ditadura, a de Vargas; e o texto que se entrega ao leitor, assinado por Tecla, a personagem ficcionalizada por Godofredo de Oliveira Neto como escritora do romance, é concluído em 1981, em São Paulo.

O Contestado que emerge nas páginas de Godofredo é aquele do conflito, que se coloca quando de uma ameaça – seja em plano individual, subjetivo, como no caso de Gerd (e de Tecla, que veremos depois) e de Frau Bertha, seja no plano coletivo, como no caso do Grupo de Defesa da Democracia, o GDD. Neste sentido, o que a obra faz é, ao partir do presente, dar forma a vozes que constroem discursos sobre a história. É neste momento de imprecisões – a 2ª Guerra Mundial, a ditadura de Vargas, o posicionamento nacional de apoio ao Eixo e as proibições das línguas alemã e italiana nas comunidades do interior de Santa Catarina – que se desenha um deslocamento dos discursos dos personagens, no corpo ficcional, ao Contestado.

Numa narrativa de muitos personagens, Gerd Rünnel é o protagonista. Casado com Juta, têm uma filha, Rosa. Ela, com alguma deficiência cognitiva, é fonte da angústia do pai que, ao mesmo tempo em que a abomina ("se fosse na Alemanha ou no Contestado não seria assim!" [OLIVEIRA NETO, 1996, p. 19], referindo-se a dois espaços nos quais, segundo ele, crianças com deficiência seriam assassinadas após o nascimento), tenta amá-la. Esta tentativa parece se construir numa imagem traumática que persegue o personagem desde a infância. Ele, que nascera em 1900, viu a mãe, Sônia, morrer sete anos depois, de cólera. Foi quando o pai, Erich, se juntou a Joanna, a madrasta: "Gerd trazia as pernas marcadas pelas sovas com vara de marmelo (...). Às vezes, após sessão de surra, Joanna passava a vara para Erich, que continuava a tarefa" (OLIVEIRA NETO,
1996, p. 20). A perda da mãe, assim como as surras do pai e da madrasta, sob efeito do álcool, fez da infância de Gerd um período de violência; decorre disso, inclusive, o suicídio de seu irmão, Alfonso, ainda adolescente.

Quando em 1914 seu primo Rodolfo junta-se ao Contestado Gerd passa a sonhar também com o movimento: "Diziam que nos campos do Irani e no arraial de Taquaruçu, no Contestado, graças ao monge José Maria, só havia fartura e alegria" (OLIVEIRA NETO,
1996, p. 20). Rodolfo, porém, tinha já seus vinte anos; Gerd, aos 14, não o acompanhou. O desejo de fugir e juntar-se aos seguidores do Monge continuam, mas, ao correr de dois anos, o movimento é aniquilado pelo Estado, restando a ele apenas uma imagem do passado.

Gerd, que nunca experienciou o Contestado, mas que viu nele uma possibilidade de fugir das surras do pai e da madrasta, começa a balizar sua vida sob esta experiência que nunca existiu, mas que lhe funda um senso de "bem" e de "mal". "Você não merece o Contestado" (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 94), diz à esposa no meio de uma briga; "Quando isso aqui for igual aos campos do Contestado, eu esfolo esse macaco leproso" (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 54), pensa após o confisco de sua vaca pela polícia com o pretexto de

que o leite alimentaria soldados brasileiros em guerra na Europa; no Contestado, dos rios correm leite e as montanhas são de beiju. Nesta imagem que inventa para si coloca-se a esperança de uma vida que nunca teve, pouco importando propriamente o Contestado, senão a projeção dos conflitos que o acometem como sujeito – a repetição do alcoolismo paterno, a perda da mãe, do irmão e do primo, a filha deficiente – e que, junto ao Monge, seriam sanados. É então que começa a formular uma imagem de que em Alto Dourado, onde mora, existiria um novo movimento messiânico: "O Gerd disse [afirma Juta, sua esposa] que nos campos do Irani, no Contestado, não tinha nada disso. Ele jura que agora a paz celestial vem pra cá" (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 70).

É também por um elemento do passado que Frau Bertha, em movimento contrário, se opõe à memória da Guerra dos Pelados. "O pai nunca devia ter ido combater os fiéis na Guerra do Contestado, mãe" (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 35), diz Dieter à Bertha. Foi a trabalho, ela responde. Em um esquema impreciso de venda de armas tanto para os caboclos quanto para o Estado que buscava controlar a ocupação das terras, o pai se vê aprisionado pelos "bandidos" (os Pelados) e, após ficar mais de um mês em suas mãos, volta doente dos pulmões, enfermidade que se manteve até 1921, quando morre. É ao Contestado que Frau Bertha culpa pela morte do marido, aquele reduto em que "se reuniam fanáticos, comunistas precoces e loucos (...). O comunismo ia triunfar na Rússia e no Contestado" (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 35), afirma. A partir deste trauma, a morte do marido, ela empreende uma defesa do pangermanismo e do Reich. "Temos que colaborar para a expansão da Alemanha, dizia Bertha" (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 113). Como em Gerd, embora ao contrário, defende a partir de uma constatação pessoal uma construção discursiva sobre os Pelados que não se preocupa exatamente com a história, senão com a invenção de um espaço no qual possa projetar suas infelicidades – no caso de Bertha, o Contestado surge em oposição ao nazismo de Hitler e a construção de uma Alemanha desterritorializada, destinada àqueles que detêm o sangue, como sua imagem de felicidade. Segundo a doutrina do *Blut und Boden* (sangue e terra), haverá de ser território alemão onde houver sangue germânico.

São elementos semelhantes que se referem à Alemanha de Hitler que levam alguns jovens, inclusive Dieter, filho de Bertha, a se reunir no Grupo de Defesa da Democracia (GDD), em oposição ao nazismo. A aproximação de Dieter se dá pela homossexualidade "escondida, cada vez mais dificilmente" (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 39), assim como o caso de Elsa, judia que, nas palavras de Gerd, tinha "o cabelo ruivo amarrado atrás, os olhos negros, a pele rança. 'Como a daquela raça de porco que diziam ser o que havia de melhor pra fazer criação'" (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 85). É Elsa quem elabora a imagem do movimento defendida pelo GDD. Em uma das reuniões da agrupação antinazista ela profere uma palestra na qual se refere ao caráter messiânico de movimentos como o Contestado, mas também à Guerra de Canudos. Ao se opor ao coronelato e à marginalização e miserabilidade da população, aventa as possibilidades de uma sociedade

mais justa. Refere-se ainda aos documentos que atestam as relações entre o Contestado e a possibilidade da construção de "um país [independente] com um regime de governo socialista" (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 121) no Sul do Brasil. Termina sua fala comentando sobre uma conferência que seria ministrada, na semana seguinte, sobre "movimentos de libertação dos escravos no Brasil, cuja importância a história oficial insiste em ignorar" (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 125).

Os três posicionamentos que correm as páginas do romance de Godofredo pouco atentam ao movimento como fenômeno – algo bastante diferente da obra de Sassi ([1964]
2012) – mas expressam sensibilidades provocadas pela 2ª Guerra Mundial e a sua recepção nas comunidades de colonização alemã e italiana no interior de Santa Catarina. Neste sentido, a evocação ao Contestado surge mais como forma de lidar com o presente do que com uma elaboração da história local; estes discursos, que se apoiam na Guerra dos Pelados, expressam mais que nada os dilemas enfrentados pelos personagens. Quem complexifica a questão é Gerd.

4 | TRÊS IMAGENS DE MACHADO DE ASSIS (E UMA DE FLAUBERT)

Na imagem que Gerd evoca do Contestado surgem elementos diversos. O primeiro se trata de uma relação com a mãe, personagem pouco presente na obra.

> Gerd se ajoelhou, chorou, soluçou. E as recordações voltaram-se para a pessoa que ele retirara da sua cabeça. Os gestos doces da mãe, o sorriso, o afeto, a blandícia, a dedicação, os beijos, as carícias nos cabelos dele, o abraço apertado e os afagos à disposição – sempre que ele quisesse! – encheram-lhe os olhos. Tinha afastado a mãe do pensamento para poder dedicar-se inteiramente a ela, um dia. Para ficarem juntos no Contestado (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 131)

A passagem começa a delinear o Contestado como fuga nas afirmações de Gerd. Se pela adesão do primo Rodolfo ao movimento ele vislumbra e inventa uma possibilidade de rompimento com a família (que nunca se concretiza), é para este lugar que reserva as memórias da mãe, aquela que, quando de sua morte, deixa o filho à mercê do pai. Enquanto nesta cena aparecem imagens de uma fuga à esperança no Contestado, ela guarda, também, o medo da repetição da violência paterna. Em outra cena lemos que, após os policiais confiscarem Stille, a vaca leiteira de Gerd, ele a obtém de volta subornando o delegado de polícia. A necessidade de ter a vaca se dá por Rosa, a filha, sentir desmedida falta do animal com o qual passava horas a ver estrelas. Quando ele consegue reaver a vaca, porém, esta morre – pouco se sabe da causa, talvez um tropeço que a fez ser perfurada com o facão no rancho. Com a tristeza de Rosa, Gerd consegue comprar uma filha de Stille, que passam a chamar de Eva. Certa vez, Gerd entra no rancho e vê Rosa com o facão na mão:

> Desta vez Rosa tinha nas mãos o facão. O olhar dela de fogo: ameaçador, de

> bicho do mato! Gerd pensou ver pêlos escuros crescendo no corpo daquela mulher; viu a madrasta gritando, os lanhos nas pernas do menino, a varanda da casa onde tinha passado a infância, o irmão enforcado (...). Saiu à fula do rancho, quebrou um galho do pessegueiro ao lado e voltou.
>
> Rosa ali, imóvel.
>
> A primeira varada pegou o pescoço, a segunda o peito, a terceira as pernas, a quarta o braço, com os quais a filha tentou esconder o rosto, a quinta cortou- lhe profundamente a face direita. Rosa caiu, balbuciando: pai! pai!, e saiu do rancho de quatro, recebendo, ainda, uma dezena de golpes violentos nas costas. Juta viu a cena. Armou-se de uma pá para defender a filha, clamando por Deus, gritando para que Gerd parasse e chamando-o assassino. As visões ensurdeciam-no. Ele viu com nitidez os monges José e João Maria fitando-o da serra do Taió com olhar severo e censurador, uma mulher falando com Cristo, o reino da paz desabando, o praça que lhe confiscou a vaca Stille arrasando casas, matando velhos e crianças, chicoteando com uma vara de pessegueiro o primo de cabeça raspada. O único projeto de vida de Gerd era passado e desmoronava (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 153)

Na passagem mais que nada está o lugar da repetição do comportamento do pai e o desmoronamento da imagem de paz projetada no Contestado. Ao adotar para si, contra a filha, o comportamento antes exercido pelo pai, Gerd mostra a falsidade da fuga que projetara nos Pelados. Aquele reino de paz no qual voltaria aos cuidados da mãe vê desmoronar. É aqui que aparece uma primeira imagem de Machado de Assis.

Um dos motivos dos lapsos de raiva de Gerd contra Rosa se dá pela desconfiança de que ela não seria sua filha biológica. Esta dúvida, que se generaliza a homens diversos, intensifica-se quando se refere a Victor, vizinho que, embora naturalizado austríaco, é de ascendência italiana. Como mostrou Roberto Schwarz (1991) em seu estudo sobre Dom Casmurro, as desconfianças de Bentinho sobre o adultério de Capitu falam de um relacionamento entre o filho das classes dominantes (o pai era fazendeiro e deputado) com a parentela que circunda este centro de poder, a vizinha que depende financeiramente dos favores da família, embora apreenda para si os cálculos da vida das elites e possa com Bentinho se casar. Mas, diferentemente de José Dias, outro agregado, Capitu logra construir para si uma esfera da individualidade que se afasta da "composição imaginária" característica destes circunscritos, o que resulta em uma série de desconfianças posteriores por parte do marido. "Capitu", escreve Schwarz (1991, p. 95), "não só tem desígnios próprios, os quais consulta, como tem opinião formada e crítica a respeito de seus protetores, e até da religião deles". O dilema sobre a paternidade que perpassa o romance aparece como expressão paranoica de classe, em que Bento, mais do que buscar a prova derradeira da traição da esposa, desloca a pergunta para saber se a traição de Capitu se dá na vida adulta ou se já existiria um germe dela na adolescente pela qual se apaixonara. Se a desconfiança da paternidade em Machado mostra a falsidade da conciliação de classes ao final do XIX, expressando, pela questão privada, a estrutura político-econômica do país, algo sobre a integração entre ascendentes alemães e italianos no Sul do Brasil aparece

guardado nas desconfianças de Gerd sobre a paternidade de Rosa. Ele diz:

> Não sei por que o Victor vai nas festas, Juta. É católico. Festa do Espírito Santo na igreja dele eu não vou. E você sabe que os católicos são diferentes. Não trabalham! Acham que vão para o céu dando esmolas e praticando a caridade! Não é porque a gente faz coisas boas que a gente tem a salvação. Quem faz boas ações é porque já é bom. Não adianta fazer boas coisas se a gente não é bom. Seria mentira. A Frau Bertha sempre fala isso. E estar sempre rindo, como ele, é pecado. Cristo não riu. (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 79-80)

O que se coloca em sua fala é a relação entre protestantismo e ascese estudada por Max Weber (2004). Como mostrado pelo autor, o espírito do capitalismo em seu estabelecimento histórico está marcado por um controle corporal que responde às experiências do protestantismo ascético e que além de uma ética do trabalho coloca-se sobretudo como contenção do corpo para que, na terra, se garanta o reino dos céus. Daí ser pecado o riso de Victor, aquele de quem desconfia ser o pai de Rosa; cabe à ascese protestante uma racionalização das ações para a confirmação da eleição divina, pouco tempo sobrando à conversa mole e ao riso. O que começa a aparecer por Gerd é uma concepção que, embora não se aproxime de uma defesa da Alemanha nazista (como no caso de Bertha), produz uma espécie de elogio a um componente racial correto que não se expressa apenas fenotipicamente: não basta ser branco, o italiano católico é alvo da raiva do alemão protestante.

Novamente, as concepções de Gerd se afastam do espírito messiânico do Contestado, que abandona uma religião formal e põe na prática um sincretismo católico com práticas populares, entrando em conflito inclusive com o catolicismo institucionalizado, romano (AURAS, 2015). O próprio romance de Godofredo denuncia constantemente, sem afirmar esta oposição, certa falsidade na imagem inventada por Gerd. Após a morte de Victor – provável assassinato não desvendado – lê-se que "alguns relembravam que no Contestado se realizavam dois batizados: um pelo monge, com as pessoas amigas e colegas de trabalho como padrinho, e outro, oficial, pelo padre da igreja, com o coronel como 'dindo'. Pouco a pouco só ia valendo o primeiro" (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 122): a religião institucionalizada perde seu espaço, ampliando a relação messiânica com os Monges.

As projeções que nutre sobre o Contestado seguem a demonstrar sua falsidade quando Gerd se refere à população indígena: "O filho do Oscar preferiu construir a casa longe da estrada porque tem vergonha da mulher [mestiça de índio com branco]. Ela passa o dia lá entocada comendo banana petiça" (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 135), "Índio de uma merda! Filho de uma vaca! Seu macaco sujo!" (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 142), "Gerd voltou para casa abatido e exausto. 'No novo reino de paz e justiça do Contestado não vai poder ter índio, não são gente', pensou" (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 144).

Os dilemas que envolvem a população indígena pela perspectiva de Gerd se

fundam no fato de ele trabalhar numa serraria que extraía madeira de reservas ambientais dos Xokleng; sua raiva decorre de uma cena na qual acaba preso pela extração ilegal a mando da serraria. Mais que nada, a passagem mostra uma contradição: em sua invenção do Contestado Gerd busca criar ao mesmo tempo um movimento messiânico protestante, branco, a partir de uma experiência histórica de catolicismo popular, mestiço (mestiçagem imageticamente capturada na obra de Back ao trazer a população local como figurante do longa-metragem [BACK, 2013]). Essa imagem contraditória ganha forma no romance: "Quando Gerd voltava a se dirigir à família era para dizer a Juta que ele devia ir ver Frau Bertha. 'Mulher de grande respeito e muito boa comigo', balbuciava (...). 'Um dia isso aqui vai se transformar nos campos do Irani do Contestado, você vai ver!'" (OLIVEIRA NETO,
1996, p. 31). A passagem imediata da bondade de Bertha, que defendia o nazismo, ao retorno do Contestado, mostra algo das deformações desta ilusão da fuga inventada por
Gerd.

Guarda-se aqui uma segunda imagem de Machado de Assis, que aparece por meio de Flaubert. Alguns dos membros do GDD decidem incendiar uma casa na qual se reuniam apoiadores do nacional-socialismo, em resposta a uma invasão que este grupo teria realizado à sede do GDD. Dieter se opõe com o seguinte comentário: "A decisão sobre o incêndio foi tomada a meu malgrado. Respeito, mas tenho o direito de me pronunciar. Parece que alguns aqui estão atacados de bovarismo" (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 167). A questão se complementa por uma cena anterior, envolvendo a mãe de Dieter:

> Frau Bertha teve, depois de viúva, um grande amor: Ênio Guido Espinelli. Por conta das juras de câmara e alcova, dizia – contrariando as suas afirmações mais correntes – que era importante que alemães e italianos se unissem na construção de um país forte. (...) (Ele ofereceu-lhe, como presente de aniversário, em 17 de dezembro de 41, Madame Bovary. Ela adorou o livro). (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 37).

É por um deslocamento afetivo marcado pelo livro de Flaubert como presente que Frau Bertha desloca-se de seu ideal germânico, colocando a possibilidade da união entre descentes de alemães e italianos.

Vem de Madame Bovary, de Flaubert, a ideia de bovarismo à qual Dieter se refere. Como mostra Maria Rita Kehl (2018), é sobre o desejo de ser outro que se funda o conceito ilustrado por Emma Bovary. Neste desejo moderno que vai da ascensão de classes à construção de uma esfera individual marcada pela conquista do próprio destino, guarda- se um pé na possibilidade da paranoia – tema que deve ter sido mais bem elaborado esteticamente no Brasil por ninguém menos que Machado de Assis (Kehl, inclusive, dedica- se à comparação de alguns temas entre Flaubert e Machado). Parece ser para associá- lo à paranoia e, com isso, falar de Gerd e das falsidades da imagem que este cria, que Godofredo emprega o conceito de bovarismo em suas páginas, pela voz de Dieter. Nas palavras de Kehl (2018),

> O paranoico é um sujeito que não tem dúvidas e não admite incoerências, ambiguidades, hesitações no pensamento e na ação. Não que não tenha dúvidas sobre si mesmo, as quais podem inclusive estar na origem da crise paranoica, mas seu sistema consiste em responder a essas dúvidas através da construção de uma certeza invulnerável – portanto, delirante. Ora: de certa forma, as respostas que o laço social espera do sujeito supostamente *autônomo* e senhor de suas próprias representações (do mundo e de si mesmo) se parecem muito com as tais certezas invulneráveis do paranoico (KEHL, 2018, p. 19).

É de forma indireta, portanto, que Godofredo coloca em xeque as certezas que Gerd nutre sobre a fuga. Uma consequência pode ser vista na terceira imagem de Machado de Assis, aquela produzida por Tecla, a personagem escritora, narradora do romance.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS: TECLA

A relação de Tecla com a história narrada se dá pela lembrança. Após a surra de Gerd na filha, Rosa, Juta e ela vão à casa dos Jonhasky, família proprietária de fábricas na região. Juta passa a trabalhar na casa dos Jonhasky, também nela residindo com a filha Rosa. Esta é a casa da família da ainda menina Tecla, filha dos empregadores de Juta.

Já nos anos 1960, morando no Rio de Janeiro, Tecla participa de movimentos de oposição à ditadura civil-militar inaugurada em 1964, o que a leva ao exílio na Suécia, residindo depois na Dinamarca e, por fim, nos Estados Unidos da América. Em Nova York, descobre-se em uma doença terminal, o que faz com que volte ao Brasil em 1981 para terminar o manuscrito de um romance, que abandona em um casarão prestes a ser demolido. O manuscrito é o texto de O Bruxo do Contestado, encontrado por um anônimo que o publica conforme encontrado, intercalando os capítulos da história com folhas manuscritas a lápis nas quais Tecla tece comentários sobre a produção do texto e fala de seu exílio ocasionado pela perseguição por parte do Estado ditatorial.

O mais interessante parece ser, porém, sua atuação no país antes do exílio. Ela, que pertencera a uma organização trotskista, foi mandada ao Rio de Janeiro, onde escrevia panfletos distribuídos em bares e restaurantes. Eles deveriam, porém, ser assinados para dar maior veracidade. "Pensei no Bruxo do Contestado e suas visões. Era o apelido de Gerd. Lembrei-me do apartamento da Praia do Flamengo, e os panfletos foram assinados por O Bruxo do Flamengo. Eu também tinha o meu universo e as minhas visões" (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 15).

O Bruxo do Contestado, que já soava ao Bruxo do Cosme Velho, alcunha pela qual Machado de Assis é conhecido, ganha ainda mais peso quando deslocado ao Bruxo do Flamengo, bairro da mesma cidade do escritor. Na verdade, Machado ocupa um lugar importante na prosa de Godofredo, reaparecendo em livros diversos. É o caso do romance Marcelino Nanmbrá, o manumisso (OLIVEIRA NETO, 2000), no qual, ao ficcionalizar os anos da ditadura de Vargas em Florianópolis, o autor adota a ironia machadiana para criar

uma prosa que tensiona as relações entre a capital catarinense e o Rio de Janeiro. Esta aproximação retorna anos depois nos contos de Ilusão e Mentira (OLIVEIRA NETO, 2014), nos quais, ao partir de personagens de Machado, Godofredo inventa novas histórias, atualizando aquelas personagens – Adamastor, de Ideias de Canário, e Lalinha, de Dom Casmurro (SANTIAGO, 2014). O que as questões provocadas por O Bruxo do Contestado parecem evocar no conjunto da obra de Godofredo é uma primeira apropriação aos escritos do Bruxo do Cosme Velho que terá recorrências em sua prosa posterior. E este primeiro deslocamento a Machado, feito por uma narradora que rememora os anos de chumbo no país, recorda algo do escrito por Roberto Schwarz no prefácio à 2ª edição de sua peça A lata de lixo da história (2014, p. 7-8):

> A ideia de transformar *O alienista* de Machado de Assis numa sátira à ditadura de 1964 estava no ar. Havia um paralelo óbvio entre o terror espalhado por Simão Bacamarte – o cientista maluco e sinistro que infelicitava a pacata Itaguahy – e o regime antipopular dos militares, com seus ministros da Fazenda que metiam medo e disciplinavam o país para o capital. Nelson Pereira dos Santos percebeu as possibilidades artísticas da comparação, da qual tirou um filme agoniado e interessante, *Azyllo muito louco*. Em espírito parecido, houve tentativas também de adaptação para o teatro, entre as quais a minha. O que todos procurávamos era o respaldo de um clássico nacional acima de qualquer suspeita, além de remoto no tempo, que deixasse desarmada a censura e possibilitasse a crítica ao Estado policial.

É curioso que também Tecla se refira a Nelson Pereira dos Santos e a sua adaptação cinematográfica de Vidas Secas, de Graciliano Ramos. Foi por um deslocamento a Graciliano que Silviano Santiago ([1981] 1994), no romance Em Liberdade, aproximou sua obra – que se passa durante o governo (indiretamente) eleito de Vargas, antes do golpe de 1937 – à ditadura civil-militar de 1964. Quando em liberdade, o Graciliano ficcionalizado por Silviano empreende uma pesquisa sobre o suposto suicídio de Claudio Manuel da Costa, no interior de Minas Gerais, ainda na Inconfidência Mineira, no século XVIII, que produz uma associação com as falsas afirmativas (imagéticas) do suicídio de Herzog a obnubilar o assassinato do jornalista pela ditadura civil-militar. Silviano, mineiro residente no Rio de Janeiro, desloca-se ao estado natal durante o período Vargas para dar forma à ditadura de 1964; Godofredo, catarinense residente no Rio, parece encontrar no Contestado a imagem do passado local para situar sua prosa também durante a segunda ditadura de nossa história. Se aquele, O Bruxo do Flamengo, havia sido o pseudônimo adotado por Tecla para assinar seus folhetins políticos, este, O Bruxo do Contestado, é a forma que Godofredo encontra para inserir seu romance como prosa de oposição à ditadura civil-militar.

Se a hipótese estiver correta, vem deste movimento do presente a paranoia de Gerd, o protagonista: como esperar a elaboração do sujeito sob um Estado de exceção? Como mostrou Benjamin (2019), na História nem os mortos estão a salvo. Parece ser neste ínterim em que o romance O Bruxo do Contestado assume seu caráter messiânico: é ao se deslocar à ditadura de Vargas e à 2ª Guerra Mundial que Godofredo pode fazer uma

crítica à ditadura civil-militar, mostrando como a história morre quando a ela não olhamos. Como escreveu Benjamin (2019, p. 12), "só terá o dom de atiçar no passado a centelha da esperança aquele historiador que tiver apreendido isto: nem os mortos estarão seguros se o inimigo vencer. E esse inimigo nunca deixou de vencer". É assim que, na ditadura de 1964, Godofredo se desloca ao cenário da ditadura de 1937 para mostrar o quanto os mortos da história estão à mercê do que a eles se fizer enquanto o Estado de exceção torna-se Estado permanente. A paranoia de Gerd, que apaga a história e retira do Contestado o lado político do movimento, nada parece além de uma certeza falsa da história que responde à política ditatorial e às paranoias e perversões que lhe são inerentes. É o que mostra Sylvio Back (2013, p. 427) quando, ao referir-se aos cortes que sofreu A Guerra dos Pelados pela censura em 1970, escreve:

> Era imposta a ablação de cenas-chave em que os fanáticos, sob o comando de seu líder, Adeodato, invadem a serraria da Southern Lumberand Colonization Company: em meio à destruição do escritório, e enquanto os demais rebeldes destroem o local, Vitorino (Zózimo Bulbul) descobre documentos que podem ser títulos de propriedade ou contratos de compra e venda de madeira, e começa a gritar (rasgando-os um a um): "Chega de pobreza! Chega de pobreza! Fora co's gringo! A terra é nossa! A terra é nossa! Vingança!". Sem comentários.

O romance de Godofredo, assim como a película de Back, mostra como o passado não está a salvo e pode, pelas forças do presente, ser pervertido. Não pode haver integridade aos mortos da história enquanto a exceção se colocar como regra.

REFERÊNCIAS

A GUERRA DOS PELADOS. Longa metragem. Direção de Sylvio Back, 1971.

AURAS, Marli. **Guerra do Contestado**: a organização da irmandade cabocla. 5ª ed. Florianópolis: EdUFSC, 2015.

BACK, Sylvio. Como filmar o Contestado durante a ditadura militar. In WEHLING, Arno et all (Orgs.). **Cem anos do Contestado**: memória, história e patrimônio. Florianópolis: MPSC, 2013.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. **O anjo da história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

KEHL,Maria Rita. **Bovarismo brasileiro**. São Paulo: Boitempo, 2018.

MACHADO, Paulo Pinheiro. Uma constelação de concentrações: a tradição de "São João Maria" e movimentos rurais no Sul do Brasil. In WEHLING, Arno et all (Orgs.). **Cem anos do Contestado**: memória, história e patrimônio. Florianópolis: MPSC, 2013.

OLIVEIRA NETO, Godofredo. **O bruxo do Contestado**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

OLIVEIRA NETO, Godofredo. **Marcelino Nanmbrá, o manumisso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

OLIVEIRA NETO, Godofredo. **Ilusão e mentira**: as histórias de Adamastor e de Lalinha. Rio de Janeiro: Batel, 2014.

SANTIAGO, Silviano. **Em liberdade**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SANTIAGO, Silviano. Prefácio. In OLIVEIRA NETO, Godofredo. **Ilusão e mentira**: as histórias de Adamastor e de Lalinha. Rio de Janeiro: Batel, 2014.

SARLO, Beatriz. Moral de las imágenes. In **Página 12**, 28 de dezembro de 2003. Acesso em 14 de maio de 2021, disponível em: https://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/ libros/10-877-2003-12-28.html

SASSI, Guido Wilmar. **Piá**. Florianópolis: Edições Sul, 1953.

SASSI, Guido Wilmar. **Amigo Velho**. Florianópolis: Edições Sul, 1955.

SASSI, Guido Wilmar. **Geração do deserto**. 5ª ed. Porto Alegre: Movimento, 2012.

SCHWARZ, Roberto. A poesia envenenada de Dom Casmurro. **Novos estudos**, nº 29, março de 1991.

SCHWARZ, Roberto. **A lata de lixo da história**: chanchada política. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

WEBER, Max. **A ética protestante e o "espírito" do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WELTER, Tânia. Encantando no meio do povo. A presença do profeta São João Maria em Santa Catarina. In WEHLING, Arno et all (Orgs.). **Cem anos do Contestado**: memória, história e patrimônio. Florianópolis: MPSC, 2013.